Luis Manoel Siqueira

BREVIÁRIO DE HERESIAS SERTANEJAS

&

OUTRAS ANOTAÇÕES DE VIAGEM

BREVIÁRIO DE HERESIAS SERTANEJAS

&

OUTRAS ANOTAÇÕES DE VIAGEM

Luis Manoel Siqueira

Recife - 2015



(Detalhe de foto de Flavio de Barros: Mulher conselheirista e seu filho.)

"Deixara o sertão e embora tivesse sofrido, sempre desejei regressar"

Henry Koster – "TRAVELS IN BRAZIL" – Londres, 1817

COLEGA

Sabia das estrelas como ninguém. A posição das constelações e o nome dos cometas. Tinha o juízo fraco, é verdade, mas chamava todo mundo de “colega”. Do padre aos cachorros da rua. E embora fosse batizado de Francisco, era como “colega” que era conhecido.

Era um mouro no trabalho com a enxada, virgem com as mulheres – nem um beijo! E um poço de resignação com a brutalidade do pai que de tempos em tempos lhe desenhava rubros arabescos nas costas com o cinturão.

Quando a vila de Pilar passou a cidade, a primeira eleição foi uma festa. O povo se dividiu entre um advogado da capital e Zé Moreno, um filho da terra, analfabeto e de mãos calejadas. O sertão pegou fogo. Colega até esqueceu um pouco as estrelas e passou a escutar os comícios. Era o primeiro a chegar ao palanque, com o seu corpo gigantesco, cabelo ruivo encaracolado, olhos azuis em rosto de menino.

- Vote em Dr. Paulo !

- Vote em Zé Moreno !

E a seca rodeando, cinza, triste, faminta e traiçoeira, com seus parafusos de vento e urubus gordos abençoando a democracia.

Alguém então teve a idéia de chamar Colega ao palanque para que ele falasse. Era um chiste. Seria um palhaço não remunerado para a multidão se divertir. Levaram-no pela escada de madeira e lhe deram o microfone. No alto do céu as estrelas brilhavam intensamente. Noite sem lua, outro espetáculo.

Sete-Estrelo, Ursa Maior, Três Marias...

- Alô Colegas de Pilar, aqui quem fala é Francisco. Eu vim aqui para dizer a vocês que votem num filho da terra, colega como nós, abençoado por essas estrelas que guia nosso caminho. Deixem o doutor voltar pra capital. Votem no Zé Moreno pra prefeito de Pilar!

A multidão aplaudiu, mas as pessoas em cima do palanque, não. Colega tinha subido n o palanque errado e feito o discurso contra o

advogado. Tomaram-lhe o microfone e lhe chamaram de louco. Mas a multidão o aplaudia. E a cidade inteira comentou no outro dia.

Na feira seguinte, Zé Moreno encontrou o seu mais novo eleitor no meio da rua.

- Oi Colega, venha cá. Vamos tomar uma cerveja.

- Eu num bebo, seu Zé.

- Então toma uma cajuína.

Começou a juntar gente. Todos queriam ouvir aquela conversa.

- Olha, Colega Francisco, você me ajudou muito com aquele seu discurso. Se eu for eleito, o que você quer?

Os olhos azuis brilhando, a boca envolvendo o gargalo da garrafa e os goles descendo pela garganta como um riacho em reboleira depois da trovoada. Parou um pouco, respirou e enxugou a boca com a manga da camisa.

- Eu? Eu num quero nada. Eu gosto de você, colega.

Zé Moreno sorriu desconcertado. O povo em sua volta também.

Ainda hoje se comenta em lugares distantes o que aconteceu. Uma vez apurada as urnas e consagrada a vitória do filho da terra, a cidade de Pilar entrou em estado de graça; e pôs-se a preparar a festa. Primeiro o natal com seus presépios, depois o ano novo e o apaga-luzes da meia noite. No dia da posse, o povo na rua assistiu o prefeito sair da câmara de vereadores com paletó e gravata emprestados e ser interpelado por um eleitor insolente, montado numa velha bicicleta escapadeira que lhe gritou um desafio:

- Colega prefeito, vamos apostar uma corrida comigo! Quem primeiro arrodear a igreja é o campeão!

Silêncio e espanto.

O prefeito tirou o paletó, pediu a alguém uma bicicleta emprestada e postou-se emparelhado para a largada. Arlindo-voz-de-ouro, locutor oficial da campanha foi quem deu o grito de partida.

As bicicletas zuniram em disparada, primeiro emparelhadas, mas logo depois uma foi ganhando distância da outra. Janelas e portas se abriram. A cidade inteira parou para ver.

Êh Sete-Estrelo, Ursa Maior, Três Marias!...

BORBOLETA

Aquele nosso time de rua, daquela ruazinha de vila, ganhou todos os campeonatos de futebol de bola de meia de nossa infância. Paulinho gordo, filho de um maquinista, era o dono da bola e goleiro. Na defesa jogavam Grilo e Furico-de-gato. No meio campo, um negrinho do orfanato das freiras, o Severino-bom-de-bola, que toda vez que sorria mostrava dos dentes iluminando o mundo. No ataque, o melhor ataque do bairro, eu e Borboleta, com aquele cabelo curto de soldado e passes rápidos, tão rápidos como aqueles anos. Éramos imbatíveis, juro. Éramos desconcertantes. Muitos times se negaram a aceitar a derrota e a briga no final do jogo era tão certa que já fazia parte de quase toda partida. Borboleta fechava os punhos e gritava:

- Atacar!

E pulávamos sobre o time inimigo como a cavalaria americana avançava sobre o enxame de índios apaches.

No último verão que passei naquela rua, antes da mudança de minha família para o outro lado da cidade, jogamos juntos pela última vez, eu e borboleta, ambos tristes, contra um time de grandões da rua Olavo Bilac. Um a um, foi o placar. Gol de empate no finalzinho do jogo, num chute de efeito de Borboleta, que então me abraçou com tanta força que me fez sentir pela primeira vez no meu peito, os seus já entumecidos.

O tempo passou. Passou também uma avenida por cima das casas da rua. Onde antes existia o nosso campinho, funciona hoje um Shopping Center. Perdi aqueles dias ensolarados da infância – mas isso todo mundo um dia acaba perdendo. Viramos todos então um bando de velhos meninos perdidos pela vida, condenados a nunca mais encontrar o caminho de volta.

Um dia desses entrei numa loja para comprar um presente de aniversário para minha esposa e de repente cruzei com um olhar numa seção feminina. Fiquei gelado. Era Borboleta ! Era ela sim. Mas agora uma linda mulher, com o cabelo louro em trança, vestido florido, puxando pela mão um menino. Um menino igual a mim.

Nada dissemos um para o outro. Nem foi preciso. Um sorriso antigo e seus olhos verdes me fizeram ver toda a distância que o tempo nos impôs.

Além do mais, o nome dela agora era Dona Silvia.

A DAMA DE AZUL

Quem nunca foi à cidade de Governador Dix-sept Rosado à 40º graus centígrados no Rio Grande do Norte, não deve ir. É uma cidade tão pequena que mal cabe uma prefeitura. As casas são cobertas de poeira e abandono. A maioria das portas e janelas são fechadas como se vivessem em eterno luto. Foi lá que um dia fui suar - lá só se vai suar - e trazer comigo algumas cenas que ainda guardo estranhamente.

Estávamos sentados num bar tomando uma cerveja, quando na porta apareceu uma mulher com olhos escuros e uma barriga crescida, num corpo magro e abatido. Os poucos presentes a saudaram como se saúda um palhaço que chega no picadeiro. Ela era anormal, Suas feições nos bastava. Tinha um aspecto meio repugnante, embora pelo visto, era bem recebida pelos habitantes da cidade que se divertiam ouvindo suas baboseiras. Logo a chamaram e começaram a fazer perguntas. Ela sorria como uma louca, e por um buraco da dentadura, escarrava no chão.

- Cante, dona Maria ! Cante pra gente ouvir ! Pediu o dono do bar.

Ela fazia gestos com as mãos e logo passou a dialogar conosco, embora nada lhe disséssemos. Um dos nossos lhe ofereceu um copo de cerveja e ela recusou batendo com a mão no peito.

- Eu não aceito cerveja de macho nenhum ! Não quero nada de macho. ! E depois de um giro cambaleante, soltou uma enorme risada gutural que mais parecia vir de suas tripas. Pobre mulher ...

Foi por esse momento que alguém no bar nos disse que o mercado público - havia um pequeno no meio de uma praça - estava cheio de retirantes que fugiam da seca. E todos ficamos calados. Até a mulher louca silenciou. O calor infernal e a nuvem de moscas continuavam presentes.

- Dona Maria, cante!

Ela cantarolou um verso quase incompreensível que falava sobre o trabalho, a colheita e a alegria. Depois deu uma risada gutural,

chamou alguns palavrões com a gente, recebeu alguns trocados pelo bar.

Logo chegou um menino magro, de uns poucos palmos, que, olhando desconfiadamente para nós, tomou a sua mão e a puxou para fora.

- Vamo embora, mãe!

Se alguém, algum dia for por ali, deve encontrar o mesmo mísero bar, os copos em que bebemos, o calor infernal. A cidade de governador Dix-sept Rosado está praticamente construída em cima de leitos de fósseis de ostras e caracóis marinhos do cretáceo médio. Aquilo tudo já foi mar um dia. Mais de cem milhões de anos.

Com sorte encontrará a igreja aberta (está sempre fechada), o mercado público e os indigentes, e o caminhão-tanque que traz água para a cidade beber. Poderá encontrar a louca mulher morena que canta e cospe no chão e sua barriga inchada. O filhinho desconfiado porque não é louco ou talvez porque não queira ver a mãe sendo motivo de graça.

E se tiver dinheiro, muito dinheiro e quiser fazer uma divina loucura, poderá fretar um jato de qualquer capital e levar a louca para uma cidade como Nova Iorque, por exemplo, sem escala. Interna-la numa clínica médica das mais eficientes, das mais caras, e pedir que a devolvam completamente transformada. Tratamento de vermes, vitaminas, alimentação, operações plásticas, dentição nova.

Em seguida, um grande salão de beleza somente para ela. Tipo artista de cinema. Pintem seu cabelo, unhas, massagens, banhos e tudo o que for preciso. Jóias, vestidos e maquiagem. Perfume da moda e um espelho para que ela se admire. Bom mesmo era, depois, levá-la ao melhor e mais luxuoso restaurante dançante da cidade e pedir ao maestro que tocasse músicas bem românticas, etc...

Podia ser.

Podia ser que algum gringo mal informado descobrisse aquela encantadora senhora de azul, sozinha, numa mesa do canto e entrasse em sintonia com a música. E chamasse o maitre e pedisse "flores para aquela dama de azul", e saber o seu nome. E os espelhos lhe refletissem um sorriso sadio, a cintura delgada – o sonho de Pigmaleão.

- Chama-se Maria da Silva, senhor. É estrangeira.

Podia ser que se conhecessem, fossem dançar e até se beijassem. Mas assim, como resistiria o céu? O projeto de destino iria todo por água a baixo, e o Criador seria profundamente transgredido.

Ela provavelmente cuspiria no chão, é lógico, e diria que queria flores de macho nenhum. E estragaria toda a brincadeira. Deixar a louca em Dix-sept Rosado, coberta pela poeira e moscas, é mais prudente. Que se fossilize com as ostras, e cuspa por onde passar e seja motivo de risadas para sempre. Até aparecer outra doente que a substitua.

E que seja mulher, pelo menos. São mais curiosas, mesmo quando loucas, pois todas sonham com rosas vermelhas e vestidos azuis. Com homens bonitos, música, espelhos e sombra nos olhos. Pois são mulheres, perfumes inesquecíveis, mães e amantes. Que seja mulher para que alguém herde esse legado humano, e o projeto divino se cumpra religiosamente.

Com risada gutural e tudo.

AS CAMAS

- Pela maneira como se olha no espelho, arruma o cabelo e sorri, assim com esse risinho de quem guarda um segredo, seria capaz de acertar um palpite...

A menina parou de se admirar no velho espelho de penteadeira e olhou para a sua interlocutora como se temesse algo.

- Por exemplo... o primeiro encontro com um namorado, não é?

E o sangue irrigou-lhe as faces.

- Ah, minha menina! Seu segredo jamais sairá desse quarto. Prometo-lhe. Quero apenas que perdoe a intromissão dessa velha já muito vivida e conhecedora dos anseios de uma adolescente frente ao primeiro encontro amoroso.

A velha aproximou-se da penteadeira e pegando uma escova, começou a retocar seu penteado que ameaçava desfazer-se em pequenos cachos.

- Sabe querida, esse é um momento que você vai guardar para o resto da sua vida. Posso até ouvir daqui o pulsar de suas veias diante de tão importante compromisso. Aliás, permita-me uma pergunta indiscreta: Nunca foi beijada, foi?

Ela baixou a vista e balançando a cabeça, sorriu acanhada.

- Pois será. E vai ter uma decepção. É lógico que vai gostar, mas se decepcionará com alguma coisa que não sabe o que é. Fique calma, é sempre assim. O primeiro beijo nunca é o melhor.

A velha tocou seu pequeno queixo macio e sorriu com todas as suas rugas.

- Menina, vendo você neste espelho eu lembro que comigo foi da mesma maneira. Olhe, todas as mulheres passam por isso. No começo é assim mesmo, excitante, o sutiã fica cheio, os olhos brilham e os homens caem certinhos, rígidos, com as pernas bambas... ah, todo começo!

- Depois as coisas mudam para uma agonia geral. Parece mais uma corrida para chegar logo numa cama. As camas... uma mulher, queridinha – você um dia vai compreender isso – não pode ter companheira mais fiel do que uma cama. Cai-se tonta, atordoada com um misto de prazer e medo, e então você sentirá pela primeira vez o peso de um homem roçando-lhe o ventre, assanhando seu cabelo e prometendo-lhe até o trono do mundo. E quando o dia amanhece e o prazer acaba, tem lençóis para lavar e é só esperar por mais noites como essas e ver a barriga inchar e você cair louca de dor numa cama para dar a luz a outro futuro namorado.

- Não, querida, casamento não é ruim. É monótono porque é casamento, mas pensando bem, é melhor que viver suspirando ou em aventuras e doente. Eu apenas acho que Deus sobrecarregou demais a mulher. Hoje você está aqui irradiando vida, amanhã chorando numa cama, sozinha, muitas vezes só porque seus peitos ficaram flácidos e as nádegas murchas. E o pior de tudo é que mulher nenhuma, por mais que esconda, deixa de pensar como uma adolescente.

- Ora, que bobagem, aos homens foi dado o dom de sonhar, de imaginar fantasias. Aos homens, os sonhos; às mulheres, uma cama!

E assim, acabando de arrumar o seu penteado, percebeu o seu silêncio, seu doce olhar de primavera perdido num ponto distante, frio, bem por trás do espelho. Seu rosto estava todo entregue a pensamentos cinzentos, como nuvens carregadas, embora o vestido branco fosse uma cascata de luz.

- Oh, minha menina! Eu a assustei? Deus do céu! O que anda dizendo esta velha caduca e esclerosada? Escute meu bem, toda mulher é namorada, esposa, amante, mãe e viúva ao mesmo tempo. Não tenha medo das baboseiras que eu lhe disse. Os homens... Os homens, queridinha – disse juntando os dedos de uma mão – é que são uns medrosos!

A velha saiu do quarto e caminhou até a cadeira de balanço que ficava no corredor. Pegou o xale que ali estava esquecido e depois, ao som do arrastar ritmado dos chinelos, voltou ao quarto e a encontrou com a mesma expressão, segurando um batom diante do espelho.

“Deus do céu, como a assustei! Depois de velha parece que perdi o senso de conveniência.” Pensou. E batendo palmas com um ar engraçado, gritou alto com um meio sorriso na boca:

- Como é menina, vai deixar o rapaz esperando esse tempo todo? “Quem guarda com fome, o gato vem e come!”

OPUS 60

Ela se lembrava que tinha de tocar muito, todos os dias o piano preto de cauda, teclas brancas e pretas. Muitas teclas. Naquela época era lindo ouvir a filha menor do coronel tocando piano, tocando durante a tarde inteira. Nos domingos o padre vinha almoçar na casa de seu pai e comadres e a madrinha e a tia solteira. Todos sentados ao lado do piano esperando que ela se sentasse no banco e tocar, tocar, como se a música saída de seus dedos e das teclas monótonas fosse como um entorpecente para aquela gente. Pince-nez, croché, xícaras de café.

- Que moça inteligente! Diziam aqueles bestas. Como sabe tocar!

- Minha filha, toque a "Ave Maria".

Ave Maria neles.

A agonia do piano só era amenizada quando o professor Ranulpho (com ph) vinha ministrar suas aulas semanais e lhe passava exercícios e lhe provocava arrepios. Professor Ranulpho era lindo! Onde estará ele agora? Delicado como um francês e de bigode ruivo bem aparado. Cheirava a água-de-colônia importada que invadia seu corpo, e quando ele ia embora parecia que aquele cheiro ficava grudado em seu nariz. Ranulpho lindo!

- Escute aqui, senhorita, preste atenção! Por que olha tanto para mim?

E ele não imaginava que a vontade dela era agarrá-lo, derrubá-lo por cima do piano e cobri-lo de beijos e se enganchar nas cordas pianais e nos martelinhos de madeira.

Ranulpho lindo. Tocava sim, mas só para ele. Para aquele jeito que ele tinha de aplaudi-la quando executava bem uma música, de sorrir e de brigar com ela.

- Escute aqui, professor Ranulpho, faça de minha filha artista. Dizia o coronel seu pai.

Mas ela não queria ser artista, mas queria sim ser de seu professor de música. Não é que nas noites temperadas ela sonhava

melodias estranhas, que uma vez Ranulpho viera tocar piano, mas o piano era ela... Pare Ranulpho!

- Meu corpo não é piano! Ranulpho lindo.

E ele tocava em seus sonhos valsas inteiras, e o piano delirava, contorcia-se de prazer na cama, música saindo por todos os poros, e os peitos se enchiam como se fossem um fole. Piano de vento, sonhos de vento, tempos de vento. Ffffff!

E tudo murchou como um balão de gás. Hoje sexagenária, ela olha o retrato do falecido marido, um fazendeiro, suspira e olha o piano piscando lentamente os olhos cataratados. Nunca mais o abriu, nunca mais tocou uma nota sequer, em homenagem às pessoas que não conseguem realizar seus desejos Era como se fosse um silêncio de protesto. Que diabo de vida é essa que ninguém consegue realizar o que sonha?

Onde estaria o grande amor de sua vida, Ranulpho? Não sabia. Depois dos anos de seca, ele sumira como somem as notas suaves. Talvez vivesse ainda em algum asilo do sul do país, ou numa sepultura mal caiada. Quando ele se fora, desapareceu nela todo o motivo de tocar. De que adiantava uma valsa se ele não estava ao seu lado? Uma modinha apaixonada se não havia a essência? Suas mãos agora estavam cheias de rugas enormes e veias inchadas e as unhas sem cor e sem vontade de arranhar rostos e bigodes ruivos. Uma velha, opus 60, valsa do inverno e da arteriosclerose.

Mesmo assim, mesmo assim, sentou-se ao piano. Vejamos... Primeiro abriu e tirou a flanela protetora.

- Vejamos, vejamos... para Ranulpho... força memória! Força, vamos lá!

O pano subiu, palmas. Clap, clap, clap... do palco dava para avistar todos: o coronel seu pai, sua mãe sempre doente, a tia, as comadres, os pince-nêz, o padre, os crochés e as agulhas, e... era ele mesmo, Ranulpho! Na primeira fila de cadeiras olhando para ela com um sorriso do tamanho de um bonde.

- Vamos, querida, você consegue, lembre-se!

Ela levantou as mãos e feriu de um só golpe as teclas danadas sem preconceito de cor. Foi o que saiu.

- Para você e para mim, Ranulpho lindo. Para o sertão seco e abandonado como os nossos sonhos !

E o pano caiu e as bocas se abriram e cadeiras quebraram e a batina queimou, as tranças se desmancharam junto com o crochê e se turvaram olhos e pince-nêz e a depressão, alta pressão e o bigode ruivo voou pela janela como um canário medroso. Depois veio o tempo, choveu, arrombou a parede do açude, era um mundo de água, um bicho enorme, rolando, e engolindo tudo.

Marcha fúnebre de Beethoven. É nisso que resulta velhice e solidão.

PRIMEIRO VÔO

Silvia viajou comigo naquela curta viagem de avião. Era uma tardinha chuvosa de Sábado, pegamos dois lugares na frente pois a minha experiência dizia balançar menos, e eu fiz questão de ajustar seu cinto de segurança antes do meu. Ela sorria o tempo todo, curiosa, olhando a janelinha e os botões no painel em cima de nossas cabeças. Era a primeira vez que ela viajava de avião e por isso mesmo estava mais linda, com cabelo preso atrás, um vestido azul claro que combinava com o céu – ela sorriu quando eu disse isso.

O avião decolou e Silvia ainda sorria. Soltamos nossos cintos e relaxamos. Ela começou a ler uma revista e para isso colocou seus óculos redondos de metal dourado. Depois, lembrando-se que estava num avião, esqueceu a revista e preocupou-se com a paisagem de miniaturas lá em baixo.

- Se você quiser, te levo na cabine do piloto. Eu disse.

Ela ficou indecisa e um pouco acanhada. No fundo queria. Aprendi que as mulheres nem sempre gostam de decidir tudo de imediato, elas gostam que se decida por elas. É uma questão de estratégia, sabe-se lá de quê. Falei com o comissário de bordo e ele disse um "pois não" automático porém simpático. Fui atrás dela e entramos na cabine. Lá dentro, o piloto nos cumprimentou ligeiramente, enquanto o co-piloto, um rapazinho de uniforme preto e branco, ficou olhando para Silvia mais do que o necessário. Ela sorria, ele também e eu, não. Somente quando ele encontrou-se com a minha cara desinteressada pela sua cabine, é que voltou aos aparelhos.

De volta aos nossos lugares, uma aeromoça menos bonita do que Silvia nos serviu um bolo com chá, que tomamos vendo a lua cheia quase em cima da asa do avião, sobre o mar verde-escuro. Ela olhava para a lua e eu olhava para ela. Como eu me sentia bem ao seu lado, sob a minha proteção. Toquei sua mão e ela olhou para mim com um esboço de sorriso. Sua boca brilhava com o batom vermelho e cremoso, suave, desses que lembram a passagem da vida. Então eu disse que ela estava linda e ela segurou melhor a minha mão.

Olhei suas pernas por cima do vestido, suas coxas compridas como as de uma potra puro sangue. Devia ser permitido pegar em coxas em avião, fazer amor em avião, cantar em avião, pular do avião e sair voando.

Numa curva feita, mergulho no espaço, a lua desapareceu da janela, a noite chegou, a revista escorregou de suas pernas e Sílvia dormiu. Agora, somente as turbinas eram ouvidas num zumbido de libélula gigante por dentro da escuridão. Seus olhos fechados e a cabeça escorada em meu ombro mantinham-me ocupado em apenas observar e sentir.

Então veio a aeromoça e disse que íamos aterrissar e que apertássemos os cintos. O avião começou a descer como se descesse de um sonho. Sílvia acordou e eu também, mas não sorrimos. Uma vez em terra e parados, tomamos nossas bagagens e saímos arrastando nossos anos e nossas seriedades. Desta vez não nos abraçamos ao tocarmos a pista, nem tão pouco a envolvi com o meu casaco para protegê-la dos ventos frios de aeroporto, como da primeira vez. Velhos são velhos, jovens são jovens, eis aí uma lei que rege os homens nos aviões ou fora deles. Silvia e sua beleza, seu vestido de céu, coxas de potra e batons sangue fluíram como uma lenta hemorragia, junto comigo também, nas asas do tempo.

No ontem se soma e no amanhã se diminui. No hoje não se faz nada porque o hoje não existe, é uma desculpa mentirosa. No hoje depositamos nossos mais sagrados tesouros e sem saber, os sepultamos. Só nos resta olhar a luz do farol aceso e navegar por longe dos rochedos; nossos sentimentos são barcos de vidro.

Silvia e eu morremos como morrem os velhos, na visita das rugas, dores e frios. E ainda hoje acordo, procuro-me na poltrona ao seu lado e não me encontro, mas somente os lugares vazios num avião que não chegou ao seu destino.

- Atenção senhores passageiros...

O PROMETIDO

A mãe prometeu que seria padre. Seria padre portanto. O pai concordou lamentando em silêncio: “Menos um pra me ajudar na roça”. E daí ? Seria o orgulho da família. Padre Jorge. Abença, Padre! Deus é Padre?

Um dia, na feira, a mãe o levou até a casa paroquial e o apresentou ao padre de verdade. E contou-lhe o seu voto de mãe católica pobre e sincera. O padre lhe sorriu e prometeu que em breve iria lá em sua casa, quando o bispo viesse pras missões.

Na volta da feira a mãe vinha lhe dizendo das vantagens da batina. Estudar, viajar, conhecer Roma, comer do bom e do melhor, e rezar missa e dar a comunhão. Um padre era a coisa mais importante do mundo. Padre eterno. Padre nosso. O Padre é Deus?

O tempo passou no segredo das crisálidas em mãos de menino. Nos redemoinhos perdidos pelas veredas, o tempo passou nas trovoadas de janeiro em reboleira pelos riachos e um dia chegou que o Padre e o Bispo chegaram em casa, num carro fretado, juntou foi gente. A mãe mandou trocar de roupa e mandou coar café. Na mesa foi posto beiju de coco e um prato de bolachas. O pai conversava com os dois no copiar.

- Pois então viemos buscar o menino que será consagrado ao ministério! Disse o bispo.

- Ele já vem. Respondeu o pai.

A mãe atarefada na cozinha deu-lhe um carão em voz baixa.

- Avie, Jorge, vá trocar de roupa!

Entrou na camarinha escura onde o avô octogenário lhe observava deitado com a mão no peito murcho e nu.

Pegou a maleta de couro e madeira amarela e foi colocando a roupa. O coração pesado, uma tristeza sem fim. Agora era tarde. Seria padre, sim.

Adeus umbuzeiros, adeus passarinhos, adeus vaca mansinha, adeus juritis !

Estava quase pronto quando o avô se sentou na cama. Cabelo assanhado. Olhos fundos olhando para ele. Estendeu a mão, e com o dedo indicador apontando para a porta, murmurou:

- Vão lhe capar!

E o sertão viu a última arribação desabando pelo terreiro de casa, sandálias batendo na bunda.

Foram achá-lo longe, dias depois, na casa de um conhecido.

Deus é Padre.

TODOS OS SOLDADOS DE NAPOLEÃO

O velho parecia um exilado de guerra. Talvez até o fosse mesmo. Morava num quartinho de hotel daquela cidade, longe de sua França e de seu passado triste.

- Paris é tediosa, tudo simetrique e povo chate...

Chegara ao Brasil, casara com uma paraibana e tivera um filho com ela. "Uma paixon muito forte..." Um dia voltou para casa e nem mulher e nem filho. Nem móveis nem dinheiro. Ela levou tudo, tudo. Voltou para a Paraíba onde vive com um motorista de caminhão. Nem ao menos quer vê-lo. Nem deixa o filho visitá-lo.

- Lá son tudo pistolerro... eu não pode ir lá que ela manda matarr. Por isso eu ficar aqui e fazer soldadinhos de chumbo. Sou aposentado na França, estou velho, cansado. Adorro o serton. Sou sertaneje agorra. Faço molde, derrete chumbo e faço soldadinho. Depois pinto tudo, uma a uma. Farda, chapéu, espingarda. Não vende nenhum non. Son meus soldadinhos de chumbo, uma colecion. Já fiz cópia de todo o exército de Napoleon. É... mas preciso alugar casa para morar, sabe? O quarto do hotel é muito pequeno. Non cabe a colecion toda.

De outra vez passei por aquela cidade o velho havia viajado. Corria a notícia que tinha ido à capital comprar material pro seu ofício. Havia um consenso de que ele deveria fazer a réplica do bando de Lampião. Todos de punhal, comblain, chapéu estrelado e tudo. Seria uma coisa de cinema!

- Eu pode até fazer, mas não vende nenhum non. Non vende nenhum cangaceirro!

Ainda hoje me lembro de quando o vi pela última vez. Era um dia de feira. Estava comprando batatas quando ele passou. Havia muita gente. Gritei o seu nome. Ele acenou de longe e desapareceu no meio do povo. Embora eu jure que tenha sido ilusão, pareceu-me ouvir, seguindo atrás dele, o som ritmado de uma centena de coturnos encantados.

DISTANTE DO MUNDO SELVAGEM

Os três catadores de lixo entraram na enfermaria com roupas sujas, cabelos abandonados e barbas por fazer. Caminharam em silencioso respeito até a cama indicada pela enfermeira. O moribundo estava deitado com o olhar fixo no teto. Tinha o couro repousado sobre os ossos antecipando uma caveira. Quando percebeu que tinha visita, pouco se importou.

- Oi Raposa, nós viemos aqui te ver. Disse o primeiro.

- É, tão dizendo lá no beco que você tá mal e vai morrer. Disse o segundo.

- É verdade? Perguntou o terceiro.

O moribundo sacudiu os ombros, fez uma careta e depois respondeu:

- Acho que vou, sim.

O primeiro se aproximou de seus pés.

- Tão dizendo que você tá com câncer, Raposa.

- Deve de ser...

- Dói muito? Perguntou o segundo.

- Dói.

- É no figo? É no figo? Perguntou o terceiro.

- Largue de ser burro, câncer quando dá, dá no corpo todo! Explicou o primeiro.

- Puta que o pariu!

- Raposa, Raposa, quando você morrer, será que vai pro céu ou pro inferno?

- Não sei.

- A gente vai rezar pra você ir pro céu. Disse o primeiro.

- Ó, vou te contar uma coisa. Castor foi preso e dona Adélia se separou do velho caga-osso. Ele agora vive na rua, pois ela botou ele de casa pra fora. Tição e Mão-ligeira conseguiram uma nova carroça de catador de papelão e a turma lá do Bar do Peixe mandou lembrança. Tá todo mundo com pena de você, Raposa.

Ele balançou a cabeça melancolicamente, e num momento de coragem perguntou:

- E ela, como vai?

- Dona Tule, a mulher do açougueiro tá cuidando dela. Parece até que vai arranjar um colégio prela estudar. Ela pergunta muito por você, mas logo logo vai esquecer. Disse o segundo

- É vai esquecer. Concordaram os outros dois simultaneamente.

O moribundo voltou a olhar fixamente o teto e emudeceu de vez.

- Raposa, você está com medo?

Longe, muito longe do mundo selvagem, uma menina com trança no cabelo corria por uma campina florida. Era a mesma que ele via sempre aparecer no centro do disco que girava na vitrola, no fundo dos copos vazios, e também ali, como num filme, projetado no teto da enfermaria. O nome dela era Emília, tinha pouco mais de cinco anos e um dia, no futuro, iria realmente esquecê-lo.

O GPS

Quando o ônibus que chagava a Pedra Branca trouxe uma caixa de papelão endereçada ao homem do Projeto, ele revelou com alegria o que era:

- Chegou o GPS!

Abriu a caixa diante de todos, no bar do açude, enquanto explicava. Era um aparelhinho de nada, igual a um radinho de pilha, que sintonizava os satélites no espaço e mostrava no visor de cristal líquido as coordenadas geográficas daquele lugar com absoluta precisão, além da altitude em relação ao nível do mar.

- E pra que porra serve isso? Perguntou um bêbado numa mesa ao lado.

Para o projeto de mapeamento. Para ninguém ficar perdido. Para se localizar no mapa. Para navegação no mar ou num avião. O GPS era o futuro. Alta tecnologia americana.

O primeiro lugar onde ele tirou as coordenadas foi ali mesmo no bar do açude. Ainda hoje está escrito com lápis na parede. Depois, a pedido do prefeito, na sede da prefeitura e na câmara de vereadores. Latitude e longitude. Altitude e posição no mapa. Tudo muito exato e preciso. Infalível.

Depois a escola pública, onde a diretora e única professora maravilhou-se com o pequeno aparelhinho. A igreja católica, e Assembléia. A praça onde se reuniam os estudantes de noite, o prostíbulo por trás do armazém de algodão e a rinha de brigas de galo. O grande pé de tamarindo onde os ciganos haviam acampado no ano passado e a sempre vazia cadeia pública, a pedido do delegado.

O GPS andou a cidade inteira determinando as coordenadas de tudo e sendo o comentário principal por mais de uma semana. Só o restante da equipe do projeto não chegava. Nem o dinheiro para consertar o jipe velho. Quando ele telefonava ouvia sempre a mesma resposta:

- O dinheiro ainda não foi liberado. É muita burocracia...

Mais uma semana esperando. E outra. E mais outra. E tudo em sua volta esperava. O calor intenso do sertão, as moscas, a falta de energia, os retirantes da seca chegando na cidade e os comentários: "Vão terminar saqueando a feira..."

Todas as noites, deitava na rede do quartinho e ligava o GPS. Logo, no visor, aprecia o sinal de quatro, cinco, às vezes até seis satélites americanos. Ele então refazia a leitura das coordenadas já decoradas, e depois dormia. Pelo menos tinha certeza que não estava perdido.

OLHOS TRISTES

- Há um grupo de pessoas querendo linchar o preso, delegado. Por mim eu deixava.

- Esfrie a cabeça, cabo. Paciência.

- Quem já viu uma coisa dessas, meu Deus, um pai estuprar a própria filha! Ela ainda é uma criança!

- Mas já tem peitinho. Comentou um agente.

- Acontece. Vez por outra, acontece.

- Mundo cão...

A menina de olhos caídos e o cabelo negro e liso sobre os ombros e o vestido de algodão desbotado escondendo em corpinho franzino como de botão-quase-rosa-tímida. Os pés sujos na sandália de couro campesina e as mãos geladas e sujas de trabalho apertadas nas pernas. Uma tia materna indignada, com seu sinal cabeludo no queixo, resoluta:

- Deixe o juiz chegar, minha filha. Vou pedir sua guarda e lhe levar para bem longe daqui. Pra capital. Um lugar novo cheio de coisas boas pra ver. Emprego numa casa de família, longe de roça, longe do campo, longe desse animal.

Quando João entrou como vento de agosto na delegacia, compreendeu toda a verdade que lhe gritaram no campo de futebol parando o jogo.

- Corre, João. "Olhos Tristes" está na delegacia e o pai dela foi preso porque a estrupou !

Mentira. Aquilo tudo devia ser mentira.

Mas quando ele chegou na porta e seus olhos infantis se encontraram, faltou-lhe chão e voz e vida. Pois tudo em volta era dor e precipício.

A tia passando a mão na sua cabeça num consolo cheio de piedade:

- Você vai conhecer o Shopping Center, viu minha querida.

ESTRELA PERDIDA

Não sei como ele se chamava. Não lembro. Mas recordo bem a expressão do seu rosto de ébano; aquele olhar perdido e vago, sempre à deriva. Devia ter mais ou menos a minha idade. Era negro, apareceu um dia na praia onde eu passava o verão, e ficou morando debaixo de um velho barco semi-enterrado na areia. Tinha apenas um calção, camiseta, e um pano para se cobrir. Vivia do que lhe davam: sobras dos almoços dos veranistas, ou quando a piedade batia na consciência do gerente do Bar Sargaço, um prato de resto disso ou daquilo, que ele comia num silencio humilde e pungente.

Não tinha família, nem casa, nem ninguém. Apenas um pano velho e o barco virado na areia que lhe servia de abrigo. Nas noites de chuva, quando me deitava, ficava pensando no menino sem família, dormindo sob o barco. Se sentia frio. Se sentia fome. Se a chuva lhe molhava o corpo... e o meu sono ia embora, e com ele, minha ilusão de um mundo justo e bom.

Recordo quando chegou o circo de lonas rasgadas, com a cantora grávida e seus palhaços indecentes a vender um tipo de alegria barata. A praia de Jaguaribe virou uma festa. Com ela, em pano de fundo, o mesmo verão da ilha, com seu mar calmo, seus barcos pesqueiros, os presidiários a vender cajus, mangas, sapotis e belas cordas de caranguejos espumantes.

Quando o circo foi embora, tangido pelas “La ursas” e outros mascarados do carnaval, o negrinho abandonado também sumiu. Então eu fui até o barco onde ele dormia e, de joelhos, entrei pela abertura. Havia um cheiro de maresia impregnada na madeira úmida lá dentro que perfumava uma penumbra agradável. À medida que os meus olhos se acostumaram com a pouca luz, eu descobri, num canto limpo da areia, a figura de uma estrela de cinco pontas desenhada com pequenas conchas do mar.

AÇORDA, EUPHORBIA & JUANITO

Dois velhos portugueses. Conheci-os por acaso, no sertão. Eram duas ilhas. Francisco e Pedro dividiam suas lembranças numa mesa do clube abandonado sob um céu estrelado. Não era o céu de Angola (o céu de Angola tinha mais estrelas, segundo Francisco) nem sabia, Cícero, o garçom banguelo, que Pedro tinha sangue azul.

Rabugices à parte, eram meus melhores amigos naquela cidade cheia de moscas, calor e poeira. Francisco havia sido caçador na África. Possuíra criados e uma bela casa na praia. Agora sentia saudades de tudo: do grande Salazar às fontes de água pura de sua terra. Já o Pedro era um nobre. Um lorde perdido na caatinga. Ali chegara separado da mulher, arranjara emprego publico no governo do estado, conhecera uma professora primária e casara novamente. Vivia aguardando chegar à aposentadoria. Quando mais jovem, contava, tomara muito uísque com "Juanito" – hoje rei da Espanha, durante o seu exílio em Portugal. Sabia de cor e salteado todas as famílias nobres da península Ibérica, seus duques, seus viscondes, seus fantasmas.

Se Francisco era um exímio cozinheiro, e nos preparava açordas de bacalhau, mamão regado a vinho branco, pasta de queijo gorgonzola com manteiga, Pedro recitava poemas de D. Pedro II e falava-nos de príncipes e reis com tanta intimidade, que sentíamos orgulho de tê-lo como amigo. Ambos odiavam o Brasil. Ambos eram casados com nordestinas. Morriam de rir dos hábitos brasileiros, mas nenhum dos dois pensava em voltar à Europa. O sonho de Francisco, o cozinheiro e caçador (ele contou-me uma vez, com certa reserva) era trazer elefantes, rinocerontes e leões d'África para criar na floresta amazônica, fazendo ali um grande parque internacional de caça. "Mas, sabes, pá, eu cá estou muito velho, acabado, esperando a hora de morrer..."

Pedro apenas pedia outra cerveja, olhava para mim e sorria – anel de ouro com brasão de família no dedo. Dividia comigo a cada vez mais rara e fina arte de escutar, tolerar e fazer amigos.

Guardo comigo diálogos soltos, como folhas ao vento. Estórias de Padre Vieira, Felipe Egalité, a bela Ignês de Castro, e uma curiosa observação proferida por um camponês português que lutou na França durante a 1º Guerra Mundial, e ao voltar a Lisboa, comentava pelas ruas:

- "Que vin seja vinho e pan seja pão, vá lá que seja ! Mas que diabos queijo tem a haver com fromage ?"

Meus velhos amigos lusitanos. Meus companheiros de solidão sertaneja. Eu gostava de provocá-los, sempre que os encontrava juntos, cantando "Grândola, terra morena" - canção que foi a senha da revolução dos cravos.

Um dia, Francisco resolveu se desfazer de todo o seu jardim. Chamou-me às pressas. Deu-me todas as suas plantas: mudas de palmeiras, hibiscos, jasmins, euphorbias, anonas, mudas disso e daquilo. Um jardim inteiro. Pouco tempo depois, foi embora para sempre. A contragosto, para a capital "cuidar de morrer". Ele teve um derrame cerebral assim que chegou, e passou a vegetar em cima de uma cama. Pedro voltou para a Europa. Recebeu uma casa como herança, levou a mulher e a filha. Soube que lá, ainda arrasta o peso de cetros e coroas milenares. E bebe a sua cerveja "Imperial" em silêncio.

Nunca mais os encontrei

Alguns anos depois, quando os Sem-Terra invadiram a minha pequena fazenda, confiscando a produção, derrubando cercas, destruindo safras e esperanças, encontram o meu jardim completamente florido em pleno mês de Agosto.

- Adeus, pá !

COMO PARAR UMA ESTRADA DE FERRO

Naquela terra de chuvas e florestas, o governo incentivava as Índias irem parir no hospital da vila. Assim seriam cadastradas, recebiam um enxoval de presente e uma série de instruções de puericultura. Elas até que atendiam, mas de uma coisa não abriam mão: horas depois que os bebês nasciam, elas o levavam para banhá-los na água fria do igarapé que corria manso e cristalino por detrás do hospital-maternidade. Faziam isso todos os dias, até retornarem para a aldeia com seus curumins nos braços.

Um dia, aconteceu de desaparecer um filho de um engenheiro americano que trabalhava na construção da ferrovia. No acampamento, foi um alvoroço danado. E a estrada de ferro parou para procurá-lo. Todas as máquinas e carros saíam em busca pelas estradas. Pensaram no pior. Nas onças pintadas que andavam famintas ali em volta, em sucuris enormes que engoliam um homem inteiro, em vingança de índios arredios...

O engenheiro americano, pai do menino desaparecido, parecia um morto-vivo, ao lado da esposa, maldizendo aquela terra selvagem, úmida e traiçoeira. A noite veio chegando. As buscas tiveram que ser suspensas. Longas foram as horas daquela vigília de velório sem corpo presente.

No dia seguinte chegou um helicóptero para ajudar nas buscas. Chovia muito, embora o sol insistisse em brilhar. Foi quando um velho índio trouxe a notícia que a todos encheu de esperança: Um caçador havia avistado um menino branco andando perto de uma das tribos da região. Chamaram com urgência um sertanista funcionário do governo. O homem chegou calmo, aborrecido, respondendo a tudo monossilabicamente. Mapas então foram abertos em cima das pranchetas. O velho indicou a provável localização da tribo. Teriam de ir de helicóptero, pois a mata e as estradas não davam passagem. A única estrada possível estava intransitável há um mês.

Em poucos minutos de procura, o helicóptero descobriu a clareira no meio da mata. Era um lugar distante da estrada. Os índios receberam os visitantes com um sorriso desnudo e feliz.

Encontraram o filho do engenheiro, cercado de meninos iguais a ele. Tinham acabado de chegar de uma pescaria. Trazia nas mãos uma fieira de peixes recém pescados, que ainda brilhavam com o sol que finalmente surgia. Tinha o rosto pintado de urucum e um sorriso penitente.

A sua madrasta americana implorou ao marido que não batesse nele. O pai atendeu.

- Suba, vamos embora !

O helicóptero levantou vôo e assustou um bando de pássaros pousados numa árvore ali perto. Um grupo de curumins acenava para ele lá embaixo. Iam comer toda aquela fieira de peixes que custara tanto trabalho pescar.

UMA ESTÓRIA

Vou contar uma estória. É brasileira. Não sei se aconteceu mesmo. Virou letra de música. Dessas que não tocam nas rádios nem fazem sucesso. Dessas gravadas em CDS de tiragens limitadas. Não sei o nome dos autores. Mas é das mais bonitas que eu conheço. Ela traduz a essência do povo que mora nos lugares perdidos do Brasil.

Havia um menino que morava num povoado à beira de um grande rio. Um dia, ele foi com os pais, numa canoa, para o povoado vizinho, na outra margem, fazer uma visita. Era a primeira vez que ele ia lá. Nas suas andança por ali, conheceu uma menina muito bonita. Eles se olharam e ele ficou apaixonado por ela.

De volta pra casa, ficou imaginando. Não tirava ela do pensamento. E compreendeu que encontrara o grande amor de sua vida. Então, conseguiu um bom pedaço de madeira, e com um canivete, começou a esculpir a menina com seu vestido, seus cabelos compridos. Foi um trabalho longo e demorado, mas que ele fez com zelo e dedicação.

Quando um dia deu por concluído, pegou a sua escultura, criou coragem e resolveu atravessar o rio num bote e ir até o povoado vizinho levar o presente para ela. E se declarar...

Tomou do bote do pai, e começou a remar. Mas havia chovido muito. A correnteza era enorme. Troncos de árvores desciam, arrastados pela força da água. Um deles atingiu o bote, e ele virou. Com muito custo conseguiu nadar de volta e salvar-se. Mas a estátua havia se perdido na correnteza.

Aos poucos foi esquecendo o incidente. Aos poucos sua tristeza foi passando. E o tempo tudo cicatriza, quando não cura. Cresceu, virou homem feito. Foi embora para o Sul, trabalhar numa fábrica. Virou bom operário e um dia voltou. Trouxe presentes para os pais, uma esposa, filhos. Era agora um homem realizado.

Num fim de semana pegou uma lancha a motor emprestada, e resolveu atravessar o rio para ver como estava o povoado, do outro lado. Lá chegando, descobriu uma cidade grande, que se desenvolvia. Não era mais aquela corruptela de casinhas tímidas de antes. Saiu andando pelas ruas, e perguntou a algumas pessoas pela menina que conhecera há muitos anos atrás.

- Ah, foi embora. Casou. Não vive mais aqui...

Continuou andando, até chegar na igreja matriz, cercado por uma praça florida. Entrou naquela igreja nova, imponente, e ao se aproximar do altar, reconheceu a santa que estava lá. Era a sua estátua de madeira, agora, a padroeira do povoado ! Fora um dia encontrada por pescadores, presa nas malhas de uma rede, no meio dos peixes.

ROBERTO VOLTOU

Se eu não me engano, ele era de Casa Nova. Não a cidade feia que a companhia hidrelétrica do governo construiu, mas aquela submersa, que aponta ruínas para o céu sempre que a Barragem de Sobradinho seca. Chamava-se Roberto Braga e era músico autodidata.

Um dia, entediado com a mesmice da vida, resolveu ir para o Rio de Janeiro visitar um primo que nem conhecia, que só ouvira falar, mas que fazia às vezes de deputado federal.

De caminhão em caminhão, saiu estrada a fora levando quase nada no bolso. Chegou à capital federal, era o início do século XX. Nas ruas, saiu perambulando e perguntando ao povo pelo primo político. Penou até saber que poderia encontrá-lo numa grande festa, em breve noite, num elegante clube da cidade. Descobriu o endereço e, quando lá chegou, foi barrado na portaria.

- Quem é o senhor?

- Sou Roberto Braga, primo do deputado Fulano de Tal. Vim do sertão da Bahia somente para conhecê-lo.

- E tem convite? Perguntou o porteiro. Sem convite não entra.

Ficou do lado de fora, desajeitado, até que o porteiro se apiedou dele. Nisso chega um garçom que servia lá dentro.

- Olha, procura aí o deputado e comunique a ele que está aqui fora um sujeito que diz ser seu primo. O garçom foi e com tempos voltou.

- O deputado mandou entrar.

Roberto Braga foi levado até uma grande mesa. Gente bem trajada, cheirosa, coberta de jóias. Centenas de olhos se voltaram para ele.

- Pois não, quem é o senhor e o que deseja?

- Eu sou seu primo, Roberto Braga, lá da Bahia.

O deputado reconheceu o parentesco, levantou-se da mesa e lhe deu um abraço.

- No que posso ajudá-lo, meu primo?

- Vim conhecer a capital. Talvez trabalhar um pouco, ganhar uns cobres...

- E qual a sua profissão, primo?

- Eu sou músico.

- Toca que instrumento?

- De tudo um pouco.

Mandaram parar a orquestra que tocava. Levaram-no até o maestro. Deram-lhe um saxofone. Quando a música começou, Roberto deixou todo o clube de boca aberta. Fez um espetáculo. Aplausos. Vivas. Elogios. No dia seguinte o deputado levou-o a uma alfaiataria. Deu-lhe um banho de roupas sob medida. Sapatos. Chapéu da moda. Relógio de algibeira: Ficou um lorde! Choveram convites para festas finas, orquestras e bailes. Todo mundo só falava no primo do deputado que tocava qualquer instrumento com perfeição. Encheu os bolsos de dinheiro. Cercou-se de boas e novas amizades.

Um dia, porém, mudaram os ventos, a girândola dos redemoinhos que sopram nas caatingas e nas vidas...

- Primo, eu vou voltar pra minha terra.

- Mas Roberto, o que está lhe faltando aqui?

- Nada. Só que estou com saudade. Gostei muito daqui. De lhe conhecer. Obrigado por tudo. Nunca vou lhe esquecer!

Não adiantou a insistência. Despediram-se como dois irmãos e, assim, Roberto voltou, de caminhão em caminhão. Sendo banhado pela poeira quente das estradas.

Quando finalmente chegou à Casa Nova, e ao pular da velha carroceria adaptada para transportar gente, caminhou até o centro da praça da cidade. A meninada logo o reconheceu e o acompanhou gritando:

- Viva, Roberto voltou! Roberto voltou!

Ele então subiu num banco da praça, e cercado pelo batalhão de meninos, gritou:

- Eu fui pro Rio de Janeiro e fiz sucesso. Toquei pra gente importante e agora voltei. Mas trouxe um presente pra vocês!

Enfiou as mãos nos bolsos e começou a jogar pacotes de dinheiro para cima, dinheiro que se espalhou pela praça, dinheiro que a meninada apanhava aos pulos de alegria.

Quem me contou essa estória foi um preto chamado Dedício - velho amigo meu. Ele conheceu Roberto Braga e, penso, ele era também um daqueles meninos que viu Roberto voltar.

A imagem do músico sertanejo jogando dinheiro em cima de um banco de praça é um dos meus fantasmas mais queridos. Sei que dorme em silêncio coberto pelas águas de um lago profundo. Mas é exatamente por ser submerso e para sempre perdido que se reveste de força, encanto e magia.

UM JARDIM

Quando chove no sertão, milhares de flores cobrem a terra. Azuis, vermelhas, amarelas, rosas, brancas, de todos os matizes e nuances. Surgem até alguns cogumelos brancos e gigantes, que mais parecem ser um pirulito saído de algum conto de fadas. A terra antes seca e aparentemente morta se transforma num jardim multicolorido e perfumado, onde se pode assistir o bailado de abelhas e borboletas numa grande festa de comemoração da chuva.

Quem me dera poder chamá-las todas pelo nome - não aquela tétrica nomenclatura da taxonomia dos botânicos - mas o nomezinho vulgar mesmo, que o povo batizou. Essas florzinhas do mato parecem até de fina seda. Tão delicadas como um arranjo japonês. Contrastam com a caatinga espinhenta que a cercam. Como seria bom poder transplantá-las todas para um canteiro e vê-las para sempre floridas na varanda durante o ano inteiro. Mas elas são silvestres, dificilmente se adaptam num jardim reconstruído. Só duram alguns minutos, caso sejam colhidas e postas num jarro com água.

Eu já tive a alegria de enfeitar, uma vez, a cabeça de uma namorada com as flores do sertão. Ela ficou mais bonita do que já era, e ainda hoje guardo comigo a lembrança de um sorriso quando terminei os meus cuidados.

A beleza breve e passageira das flores silvestres sertanejas é um espetáculo único e comovente, exclusivo do inverno. Um verdadeiro quadro de Monet. Lembram aquela citação bíblica: "Elas não tecem nem fiam." De fato, não há princesa vestida como elas. E cumprem singelamente a missão de nascer, sugar a seiva da terra e depois desaparecer. Ao contrário dos homens, não institucionalizam a vida, não se dão em casamento, não vão à igreja. Não possuem leis nem conveniências sociais. Apenas cumprem a existência, e isso lhes basta, porque são flores, nada mais.

O resto do ano, no verão seco, a terra volta a parecer morta e vazia. Uma grande exposição de esqueletos de árvores tristes, desfolhadas e cinzentas. Porém a natureza é uma sucessão de

surpresas. Um estranho caleidoscópio. A vida sucede à vida, assim, como as abelhas fazem uma colméia dentro da carcaça de um animal morto. A natureza é uma gueixa misteriosa, paciente, que em silenciosa parceria com o sol, prepara nas suas entranhas e também nos corações dos homens, a próxima primavera.

ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU

Naquele ano as chuvas chegaram intensas, o sertão encheu-se de cheiro de terra molhada, e também dessas pequeninas flores multicoloridas, essas gitiranas que nascem sem pedir licença a ninguém.

Avisaram que havia alguém na porteira da fazenda. Alguém falando alto numa língua estranha. Fui até ele e me compadeci. Andava vagando pelas estradas. Tinha um aspecto doentio, magro, surrado pelo tempo. Usava um paletó rasgado cheio de penduricalhos. Carregava um saco com objetos que ia catando pelo caminho.

Do linguajar confuso, consegui entender poucas coisas: que bebia a mesma água dos passarinhos e que sentia fome. Providenciei alguma comida e ele foi embora.

Dias depois, numa madrugada chuvosa, o meu cachorro entrou no quarto trazendo um pássaro estranho na boca. Havia caído de cansaço e ainda estava vivo. Tomei-o nas mãos e percebi que não era um pássaro sertanejo. Era um maçarico, ave migratória que atravessa continentes sempre em busca do verão. Afaguei o meu cão e dei de comida ao maçarico. Enxuguei-o com uma toalha e providenciei um lugar quente para ficar. Morreu horas depois, diante do assombro das gentes do lugar.

Dizem que no céu houve uma vez uma misteriosa divisão entre os anjos, e muitos caíram. Fico pensando: se caem os homens, quanto mais os homens...

Tudo o que peço a Deus é que ele me dê a graça de alguém que me entenda. De uma mão que me acolha. E um cachorro que não morda com força.

CIGANO

Choveu muito naquele janeiro: trovoadas que faziam vibrar os vidros das janelas. Os relâmpagos eram fortes e repetidos. Foram horas de uma noite longa, que ninguém dormiu. Quando enfim o dia raiou, a terra estava completamente encharcada de água.

Até chegar à pista, eram quatro quilômetros de atoleiro. Uma vez vencida a lama, vi um cachorrinho sentado no acostamento. Assim que ele me viu, correu e escondeu-se numa moita. Não sei por que parei o carro. Desci e fui até ele. Tremia de frio. Tinha uma longa tira de pano vermelho amarrada no pescoço, e metade do corpo que era uma ferida só. Havia caído de algum caminhão de mudança, foi arrastado pelo asfalto, até a tira de pano partir. Olhava para mim com tristeza e medo.

Não sei por que voltei. Quatro quilômetros de atoleiro, de novo, até à fazenda. Pedi aos trabalhadores que lhe dessem comida e fizessem curativos nas suas feridas. E fui escolhendo logo o seu nome: Cigano. Afinal de contas eu o havia encontrado andando pelas estradas.

No dia 3 de novembro de 1957 a União Soviética lançou um foguete, o Sputnik II. Ele foi tripulado com uma cadela chamada Laika. Eram experiências cientificas que resultariam nas futuras missões ocupadas por seres humanos. Dizem que Laika morreu após dois dias em órbita no espaço, devido ao forte calor. Laika é, para mim, uma mártir do sacrifício da solidão. Que tristeza deve ser morrer no espaço, sozinho, latindo sem ninguém escutar.

Cigano foi uns dos melhores cães que tive. Era forte, castanho com manchas pretas. Só dormia na frente da porta do meu quarto. Era alegre e fiel. Morreu ao comer acidentalmente um veneno de rato, para minha tristeza. Tenho apenas uma foto dele, fingindo-se de brabo, guardada no meu álbum.

- Cigano, meu velho, se aí no céu você tiver alguma chance de namorar com Laika, separe um filhote de vocês para me dar de presente, quando eu voltar pra casa.

VOLTA PRA CASA

A benção pai, que não lhe escuto. A cadeira vazia de minha mãe. A irmã doente: todos no cemitério? E eu que um dia desses brincava aqui na rua com ponteiras de ferro e dinheiro de embalagens de cigarro? No cemitério? E meus amigos irmãos que corriam comigo as campinas floridas no tempo chuvoso, catando crisálidas para fazer adivinhação? Tomando banho de bica nas trovoadas. E os tios cuidadosos, os amigos de noite, nas cadeiras, nas calçadas, falando do mundo e da vida e seus malassombros: cemitério? Qual o que!

O filho de Dona Antônia que sentou praça e lhe mandou a primeira televisão da Vila. O mesmo que me deu dinheiro pra viajar no ônibus que eu nunca mais voltei?

Para onde foi Ritinha Dois Vestidos, que era minha namorada e também paixão de minha vida e meu amor imenso de infância? Ingrata que casou com um soldado e apanhava dele, embriagado, e que largou para trabalhar de Monga que vira macaco num ônibus velho, mundo afora, e por quem derramei um açude de lágrimas. Cemitério? Cemitério também?

Meus cadernos cheios de madrigais. Meus discos arranhados. Coleção de planos de vencer na vida e ficar rico e ser feliz e famoso e voltar um dia pra ajeitar a vida de todo mundo, com dinheiro - dinheiro pra todo mundo nunca mais precisar de dinheiro. Para onde foi isso tudo?

E num dia aziago, quente, cheio de vento empoeirando as vistas, chego e chamo pelo nome das pessoas e ninguém responde, caralho! Agora que eu trouxe dinheiro pelo menos pra fazer uma festa, minha gente! Apareçam! Pra onde foi todo mundo? Para onde foi a minha vida, meu Deus do céu?

- Ô de casa! Ô de casa!

BANZAI, CARIRI

Quando Nina saiu de casa para trabalhar numa casa do Recife, Pai estava brocando o cercado novo. Ela foi até ele, usando o melhor vestidinho que tinha e pediu a bênção. Um dos meus irmãos, o último da escada, o viuele chorar. A única vez. Mãe de vez em quando justificava:

- Se não fosse o dinheirinho que ela manda todo mês, o que seria de nós, nessa seca, nesse fim de mundo ?

Pai tinha sulcos profundos no rosto e veias crescidas nas mãos, como a terra esturricada do cercado novo, e, penso, muito mais no coração.

Quando Nina voltou, um ano depois, com a barriga cheia e uns trocados no bolso, o pai já estava meio cego, passando o tempo todo sentado no tamborete debaixo do Pau-dos–ferros. Ela pediu a bênção mas ele não deu, que a vergonha não deixou. Diziam: "É nisso que dá mandar filha lavar prato na capital..."

Quando Chico nasceu, Pai já estava cego de vez. Mas lhe disseram que era galego como o filho do patrão de Nina. Era diferente da gente, mas bonito. Os olhos azuis como deve ser azul a água do mar.

A terceira vez que Nina pediu a bênção a pai, ele só estendeu a mão. Ela ia pra São Paulo levando Chico no colo. Ficamos todos muito tristes. A mãe, inconsolável.

Muitos anos se passaram, as secas, invernos esparsos. Mas o Cariri é sempre o mesmo, como as marcas antigas gravadas na madeira do Pau-dos-ferros. Nina mandou avisar do casamento. Um torneiro mecânico do Ceará. Fotografias e dinheiro para tirar a catarata dos olhos de pai.

No dia que recuperou a visão, pediu um umbu maduro, dose de cana, olhou pro tempo e sorriu.

- Preciso aumentar o roçado novo ano que vem.

Ele falava mais, embora o desenho de uma tristeza antiga continuasse gravado no rosto, como a água do inverno passado na parede do açude.

Um dia chegou um moço bonito e vistoso. Falou com toda a família. E a mãe lhe deu um abraço, assim que ele sorriu.

- É Chico, meu neto, agora um homem feito !

E foi até o pai, que dormia na camarinha.

- Bênção meu avô. Sou eu, Francisco da Silva.

O pai olhou para ele, depois se sentou na cama. Olhou, olhou de cima a baixo... Chico pegou sua mão, beijou e sorriu.

O pai abotoou a camisa, calçou as alpercatas e perguntou:

- É verdade que você é cozinheiro?

- Sim, meu avô, de um grande restaurante japonês. Eles me chamam de Sushi-man. Eu faço esse prato para os empresários de São Paulo comerem...

- E verdade que você cozinha peixe cru?

- É verdade. Respondeu Chico.

- E o povo come?

- Come.

O pai olhou para a mãe. Ambos começaram a sorrir.

SEGUNDAPARTE

AMALASSOMBRADA

Cum velo mate, cachorro doido
Que diabate e velocipe
Três pé de pato em cruz certeira
Presse infeliz tanta maneira.

Desassicumbe em flor vermeia
A rosa mista Sinhá Santana
Que mal de laço passarinheiro
Nenhum dinheiro lhe serpenteia.

Os sete estrelo tos alimente
Rolando cego na noite clara
Réstia de anjo quesilabara
A Mao de deusi protege o crente.

Cum velo mate, ora pro nobis
Derna da escada que assobe o céu
Asalpragata dos peregrino
Segue o caminho de Isabel

Adoquefilo bom Conselheiro
Do Belo Monte que ninguém vê
Caia as benção de muita graça
Na santa casa de vosmicê.

CREDEMENINO

O padre é Deus
O sacristão é gago
A professora é velha
Rita é bonita
O cachorro é viralata
A cidade é triste
O vento apoeira
E o rádio a saudade.

Creio em Deus padre
Que levou minha Irmã
Governador do trovão
Dentro do vinho e do pão
Que como depois da missa.

Creio no filme do cinema
Nas aventuras de Tarzan
E que os mortos batem papo
De noite no cemitério.

Creio no anjo da guarda
No chinelo de mamãe
E que o Céu é um recreio
Que nunca vai ter fim.

HOSPITALEIRA

Devo morrer terça feira
Entre gemidos na noite
açoites de brisa nos muros
A hera que sobe sozinha
no poste erguido na monta
e o jorro de passarinhos
manchando a vida na cama.
Eu vou morrer terça feira
Depois, vou pra missa te ver
Vestida de luto e feliz
Sentada no banco da frente
E quero sair escutando
as contrações do teu ventre.
Pois hoje sou só a lembrança
das chuvas tão passageiras
que entraram na ribanceira
e não vingaram no ovário,
Vazio é o meu relicário
E a solidão, minha herança.
A mancha rubra na cama
foi a sentença final
A minha alma cigana
vive de ler mão na feira
- Eu vou morrer terça feira,
Na terça de Carnaval.

2 REMISSÕES

A DA INJÚRIA

Vê aquela casa no pé da serra acolá? A branquinha no pé da serra? Morava um moço sozinho, calado. Vivia cuidando do roçado e dos animais. Um dia levantou tarde, foi na cidade. Chegou no barbeiro e disse:

- Corte meu cabelo, seu Zé, que defunto só presta bonito.

Depois do serviço feito, pagou a conta e voltou pra casa. Vestiu a melhor roupa, deitou e morreu. Acharam seu corpo no dia seguinte.

Mistério.

Quando era pequeno, o pai dele trabalhava de vaqueiro para um doutor da cidade. Um dia, foi acusado de roubar um brinquedo do filho do patrão. Chorou três dias. Acharam o brinquedo depois, perdido no terreiro da casa grande.

Era um soldadinho de chumbo.

A ferida nunca cicatrizou.

Sua mãe repetia sempre um consolo humilde e misterioso, afagando-lhe os cabelos:

- Chora não, filho. Injustiça maior fizero com a tua avó, que lutou do lado do Conselheiro.

A DE ROMARIA

Deleida Roma nos cumbres do além
Nas areia branca do deserto infindo
Onde Sebastião galopando vem
Enxugar pranto do cristão aflito.
São toda as guerra de peleja avara
Que São Miguel trava em espada santa
Mas ao seu lado doze pares canta
E as chaga santa de ferida Saara.
A areia toda do deserto vira
Santos guerreiro do lado do Céu
O fogo é Cristo no olho da mira
Azul é o manto de Santa Isabel
Deusi abençoe esta casa santa
Canto em que Deusi ali fez morada
Dadonde mora o seu calix bento
E a santa hóstia que foi consagrada.